

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO: OUVINDO A PALAVRA, PENSANDO A TRADIÇÃO*

Vânia de Vasconcelos Gico¹

Observando as manifestações culturais e os acontecimentos cotidianos da sua época, Luís da Câmara Cascudo deu sentido as suas idéias. Registrou a história social a partir de fontes diversas, realçando, sobretudo, os depoimentos orais, para estudar a tradição, tema que o projetaria no cenário da sua obra gestada nas experiências dos idos e vividos, pacientemente, anos após anos.

Dentre os seus livros, muitos levaram sete, doze, quinze e até vinte anos para serem concluídos, portanto, muitos foram elaborados concomitantemente, dando a Cascudo a desconfiança que estavam inacabados e “careciam amadurecer”. Raramente publicaria mais de um livro por ano, e quando o fez, seria consequência de trabalho acumulado ao longo do tempo. Muitas vezes, recompôs quadros e cenas da memória, restituindo-lhes traços e marcas do instante, temperatura e gosto do ligar-se à sua terra, à sua gente, ao seu espaço/circunstâncias. São estes instantes os centros de excelência da sua criação e reminiscência, os quais vivenciou quando ainda era criança.

Viu de perto e conviveu com o cantador, o cangaceiro, as superstições, o luar bonito, os bailes. Aos 12 anos mudou-se de Natal, onde nasceu e sempre viveria, para passar quatro anos no sertão do Rio Grande do Norte. Nele o algodão ainda não tinha substituído os roçados, a gadaria se espalhava nos descampados e só era reunida para as apartações e vaquejadas, e a alimentação mantinha ainda tradições do século XVIII. Depois da ceia, dono de casa, filhos maiores, vaqueiros e amigos vizinhos faziam roda para conversar, espairar. A palavra parecia ter como função básica a gestão da memória social, pois não havia diálogo mas uma exposição dos assuntos do dia (1984). Naquelas terras e idos as lembranças dos indivíduos

* Fragmentos da saudação a Luís da Câmara Cascudo, em 1998, pelo transcurso do 12º aniversário de sua morte, ocorrida a 30 de julho de 1986 e das reflexões da tese de doutorado defendida em outubro de 1998, junto à PUC/SP (GICO, 1998).

¹ Professora e Pesquisadora Associada do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação - Coordenadora da Linha de Pesquisa Sociedade, Dinâmicas Culturais, Memória. Coordenadora do Grupo de Estudos BOA-VENTURA - CCHLA/UFRN, em convênio com a Universidade de Coimbra-Portugal, e-mail: vaniagico@gmail.com.

construíam o edifício cultural e todos sabiam contar histórias, as quais eram contadas à noite, devagar, com gestos de evocação e lindos desenhos mímicos com as mãos.

Neste ambiente social a indumentária lembrava um museu retrospectivo. Mandava-se fazer uma roupa de casimira que durava toda a existência. Era para o casamento, para as grandes festas, para o dia da eleição, do casamento da filha e era-se enterrado com ela. As mães “deixavam” roupa para as filhas. E elas usavam. Os hábitos ficavam os mesmos de pai para filho. Nome de menino era do “santo do dia”. Os velhos tomavam banho aos sábados, davam bênção com os dedos unidos e quase todos sabiam dez palavras em latim, além de reafirmarem as orações fortes, os hábitos sociais, as festas da tradição, as conversas e as superstições.

Convivendo neste cenário, Cascudo voltou do interior do Estado “intoxicado” de cultura tradicional, de folclore e nunca mais deixou de estudá-lo. Voltaria dezenas de vezes ao sertão de outros Estados e sempre registrava fatos, versos, “causos”, e trazia consigo folhetos de cantadores, versos na memória, lembrança dos romances reeditados há anos, vivos no espírito de milhões de homens e sem registro na literatura brasileira. Assim seu documentário foi sendo acumulado e valorizado pelo registro histórico, na esperança de preservá-lo e formar uma coleção documental do folclore.

Encontrava nos dados do folclore as histórias contadas pela seu Pai, sua Mãe, pela velha Bibi, sua criada de tantos anos, bem como aquelas contadas pelos pescadores, rendeiras e contadores familiares. Quando adoeceu da moléstia livresca, conta ele, começou a encontrar nos livros, como coisas distantes e antiquíssimas, muito do que vira e vivera no sertão e na cidade Natal do começo do século. Escreveu, então, sobre o que sabia, o que viveu, a cultura popular. Registrou o que via, observando as feiras, os mercados, as viagens de avião, trem ou ônibus, o comportamento de brasileiros e estrangeiros, os nossos gestos, bem como os folguedos, exibidos no São João e Natal, como o fandango, a chegança, as lapinhas e o bumba-meu-boi, nos quais as letras das músicas folclóricas, os trajes e os sons não se alteravam.

Cascudo cercou-se das “melhores” e dos “maiores” contadores de histórias, hospedes de semanas e semanas, da sua casa, que vinham vender produtos das praias ou de cantadores como Fabião das Queimadas, o poeta dos vaqueiros, que ficava no *Principado do Tirol*

durante meses, contando e cantando com a rabeça no peito, as histórias do tempo em que tinha sido escravo. Todos os sábados a velha Silvana aparecia para almoçar e conversar. *Mentir*, diria Donana Cascudo, sua mãe. Ter permanecido na “Província, provinciano incurável”, como lhe dissera Afrânio Peixoto, fora para ele uma fonte de informação, na mesma autoridade das outras, com a vantagem de não poder ser enganado pela imaginação, pois convivia no laboratório das suas pesquisas e podia confrontar os dados do folclore nos muitos livros que lia.

Nesta recorrência bibliográfica encontra noutras vitrines a imagem da velha Bibi, serviçal de sua casa, que possuía “erudição folclórica excepcional”, e lhe contara histórias durante quarenta anos, as quais foram sendo sistematizadas ao longo da sua obra. Tais narrativas orais, documentadas por Cascudo, remetem a outras protagonistas como a criada Brígida para Almeida Garret, a cozinheira Maria para Paulo Freire, a tia Miguelina para J. Leite de Vasconcelos, as narradoras das fábulas italianas escolhidas e transcritas por Itálo Calvino (1992) e as mulheres colaboradoras dos irmãos Grimm. A obra destes últimos codificada na segunda metade do século XIX daria forma a um método de transcrição dos contos “da boca do povo”, o conto popular; as fábulas, que parecem ser iguais em vários lugares, mesmo que sujeitas a absorver alguma coisa do espaço/tempo onde são narradas e serem chamadas pelo local onde são recolhidas.

Para além da confiança da velha Bibi, Cascudo contaria, ainda, com os depoimentos da sua ama-de-criação, Benvenuta de Araújo, Utinha, principal narradora do imaginário religioso. Muito devota na ortodoxia popular, acreditava piamente nas orações fortes e tinha velhas amigas rezadeiras que prestaram desvelada assistência a enfermiça infância cascudiana. Tais depoimentos foram sendo recolhidos durante os quarenta anos que Cascudo se dedicou ao registro dos depoimentos orais. Além dos registros, complementava as histórias com a observação direta, pesquisa nos livros e dados das viagens, os quais permitiriam material para confronto da religião no povo. Acrescente-se ainda, a estes dados, as informações narradas por sua avó materna e as tias Guilhermina e Naninha, beatas vinculadas às ordens e aos preceitos, vindas dos sertões para a capital, depois de 1918, ano das primeiras exacerbações da sua curiosidade na cultura popular, o que vem reforçar o lugar da narrativa oral na sua obra.

Nos seus *inquéritos diretos* para observar a macumba e o candomblé, o catimbó e a magia branca (1978) realizados nos cultos e festas do Recife, Salvador, Rio de Janeiro, África e Rio

Grande do Norte, confirma que na colheita de assuntos religiosos é preciso ficar solidário com a turma informante. Isto facilitaria o acesso aos dados, uma vez que, estabeleceria a confiança entre os participantes e o pesquisador.

Sugere, ainda, para a coleta do material folclórico, o ambiente de casamentos, batizados, doenças, mortes e trabalhos rurais, em indagações diretas ao homem do campo, ao soldado, ao marinheiro, ao caçador, às mulheres de várias profissões, e várias outras alternativas, que explicita nos estatutos da Sociedade Brasileira do Folclore (1941), recomendando, por fim: “impressiona-se com as narrativas trágicas e tenha pavor do que parecer apavorar o narrador. Sem essa participação, a confiança vai esfriando. Cuidado com o riso. Uma gargalhada incontida põe toda uma boiada a perder [...]”. Suas investigações na África, que percorreu de leste a oeste, abrangeram, em destaque, a alimentação africana nas suas origens, “alimentação popular em sua normalidade” (1983), ao mesmo tempo que reunia observações sobre outros aspectos da vida de Luanda, capital da Angola (1965). Elegeu como fontes documentais os dias festivos, o ciclo religioso, a comida antiga, modificações e pratos que tiveram fama e são recordados. Incluiu nestes dados, saberes e sabores indígenas, portugueses e da alimentação do sertão, litoral do Nordeste e Sul do Brasil, bem como aqueles coletados nas viagens fora do país.

Depois que publicou *Vaqueiros e Cantadores*, primeira contribuição de peso ao folclore, passou a reorganizar sua base de dados para a escritura. Começaria, a partir de 1939, um fichário temático sobre o folclore brasileiro, para simplificar as consultas pessoais que se tornavam dificultadas, pela quantidade e desarrumação do material recolhido a partir do seu velho hábito das anotações. Além de facilitar a localização do assunto, esta normalização tornou possível para Cascudo, uma melhor compreensão das três fases do estudo folclórico - colheita, confronto e pesquisa de origem, reunidas, quase sempre, como forma normativa da elaboração dos verbetes que vinha elaborando para o fichário. Os verbetes eram acompanhados de bibliografia e indicação da fonte, para superar o caráter pitoresco e regional da informação.

Tal preocupação desenharia, mais adiante, grande parte das idéias nucleares da sua obra, algumas das nuances da sua pulsão criadora, incluindo lendas e mitos, como as da caipora, jurupari, curupira, mantintapereira, mapinguare, capelobo e macunaíma. Além das superstições, indumentária, bebidas e comidas tradicionais, os santos favoritos do hagiológico

nacional, os folcloristas, figuras indígenas com seus mitos, hábitos e costumes pelas diversas regiões, população negra, branca e mestiça com suas histórias e contadores, bem como, poesias, músicas e danças folclóricas manifestadas em diversos lugares.

As informações armazenadas no arquivo tornaram-se, a certa altura, imprescindíveis para o trabalho das pesquisas de Câmara Cascudo e de outros estudiosos que lhe consultavam sobre o assunto, fortalecendo o intercâmbio mantido com pessoas e instituições. A partir da decisão de elaborar um dicionário e para complementar suas “notas”, Cascudo pediria aos amigos a redação de verbetes, que aparecem assinados na primeira e segunda edições do “Dicionário do Folclore Brasileiro”; de outros receberia informações raras e curiosas de várias partes do país, da África e Portugal. Incluiria ainda, na obra, notas de recortes de jornal, livros raros, folhetos esgotados, trabalhos inéditos e fotografias, tornando a obra uma valiosa contribuição ao estudo e a divulgação do conhecimento sobre o folclore de então, que dispunha de poucas fontes de referência para consulta.

No movimento da obra muitas fontes o seduziram, sem no entanto, predominarem umas sobre as outras, quanto a importância ou qualificação dos dados que associava. Usaria a Bíblia, como professor de etnografia, para retirar informações de usos e costumes antigos. Pensava que o alheamento professoral às fontes bíblicas era inexplicável porque a arqueologia ressuscita e comprova os acontecimentos que deixaram vestígios materiais, além de ser uma espantosa bibliografia da pré-história, proto-história e história das terras mencionadas (1983). Citaria, como professor de Direito internacional, o Alcorão porque o considerava registro histórico de atos políticos, geradores de obrigatoriedades jurídicas, além dos elementos elucidadores da vida cotidiana da história antiga.

Alguns dos seus livros priorizam os depoimentos orais, outros a pesquisa documental ou bibliográfica, outros ainda a observação “in loco” ou a contribuição dos cronistas/viajantes, com as quais escreveu as antologias da alimentação e do folclore, divulgando estudos dos cronistas nos séculos 16, 17 e 18 e viajantes estrangeiros e estudiosos brasileiros do século 19 e 20. Todas estas preocupações levam Cascudo a reafirmar que grande parte do seu trabalho de investigação foi dedicado a seleção dos informantes, mas foi feliz nas escolhas, e considerava-se o escritor mais documentado do Brasil, embora pensasse que escrevia o simples, o trivial, o que não costumava ir para os acervos (1979). Pesquisava reunindo-se

com as pessoas para aprender alguma coisa, **ouvindo a palavra**, construindo as idéias e **pensando a tradição**. Foi um provinciano incurável, entretanto, um pensador universal.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CALVINO, Italo. **Fábulas italianas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CÂMARA CASCUDO, a memória do Brasil. VALEPARAIBANO, Guaratinguetá / SP, 08 ago 1986.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1986.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1983. 2. v.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História dos nossos gestos**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in África**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Meleagro**: pesquisa do catimbó e notas da magia branca no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir/Natal: Fundação José Augusto, 1978.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**. João Pessoa: Imp. Universitária da UFPB, 1974.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Série Luís da Câmara Cascudo**: entrevista. Natal/RN, 12 maio; 01 nov. 1984. Mimeog.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradição, ciência do povo**: pesquisas na cultura popular do Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Trinta “estórias” brasileiras**. Lisboa: Portucalense, 1955.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Ed. da USP, 1984.

FELIZ mestre do folclore. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro/RJ, 04 nov. 1979.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada (1968-1995)**. Natal: EDUFRN, 1996.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Luís da Câmara Cascudo: itinerário de um pensador**. São Paulo, 1998. 281 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC, São Paulo. Orientador: Professor Doutor Edgard de Assis Carvalho.

PEREIRA, Nilo. **Série Luís da Câmara Cascudo: entrevista**. Natal/RN, 29 mar. 1984. Mimeog.

ROMERO, Sílvio. **Cantos populares do Brasil**. Lisboa, 1883; Rio de Janeiro, 1987; **Contos populares do Brasil**. Lisboa, 1885; Rio de Janeiro, 1897; **Estudos sobre a poesia popular no Brasil**. Rio de Janeiro, 1888.